

**Jornal da Tarde**  
**Domingo, 3 de setembro de 2000**  
**Cynthia Garcia**

## **Guto Lacaz, um artista em constante êxtase criativo**

A definição é dele mesmo, um perfeccionista confesso que não consegue ficar parado: está preparando uma exposição, desenha o cartaz da Mostra de Cinema de São Paulo e ainda compila seus desenhos em um livro.

Bolar trabalhos artísticos, desenhar objetos inusitados, desenvolver logotipos e cenas para performances é uma prazerosa obsessão para o polivalente paulistano Guto Lacaz, um dos maiores nomes nas artes plásticas e design gráfico no País: "Virei um obsessivo em estabelecer relações entre objetos, cores, formas, espaços, produtos, palavras e ironias".

Perfeccionista confesso, ele não admite ficar parado. "Estou sempre anotando, criando, comprando material, analisando relações, buscando soluções. É uma maneira bastante rica de viver: observar, processar a ação observada e desenvolver um novo produto".

Recentemente, ele expôs o trabalho Garoa Modernista na Oficina Cultural Osvald de Andrade e apresentou o espetáculo Máquinas no Teatro Alfa Real, uma colagem de várias performances composta de forma lúdica e poética usando objetos do cotidiano - uma de suas marcas registradas.

Foi o diretor de arte Mário Cafiero quem, em 1974, encomendou a ele a primeira capa de livro que desenhou, e foi no Jornal da Tarde que ele viu pela primeira vez seus cartuns publicados em um diário paulistano. Nessa época, ele conheceu os artistas gráficos Rafic Jorge Farah e Ricardo Van Steen, com quem vem desenvolvendo vários projetos, entre os quais as três vinhetas "São Paulo" para a Rede Globo, que estão no ar, e a animação Cadeia Alimentar, premiada nos EUA, do programa da GNT Nosso Universo.

No momento, ele está compilando seus desenhos em um livro para a Atelié Editora, preparando uma exposição e desenhando o cartaz da 24ª Mostra Internacional de Cinema de São Paulo. Os trabalhos de Guto Lacaz, pode-se dizer, são cartuns tridimensionais nos quais seu humor peculiar e sutil se mistura com a elegância de seu traço moderno. Lacaz, que prefere os verbos 'desenvolver' e 'projetar' ao vulgarizado 'criar', confessa nesta entrevista exclusiva para o JT viver "em constante estado de êxtase criativo".

### **Seu trabalho seria um dadaísmo-eletro-pós-moderno?**

(Risos) Não gosto do pósmodernismo: eu sou contemporâneo e moderno.

### **Qual a sua formação?**

Minha formação baseia-se no desenho moderno: Bauhaus, Le Corbusier. Gosto da construção, da esbeltez, da elegância, do limpo, do sintético. A escola que aprendi durante a faculdade foi a dos bons arquitetos modernos, como Oscar Niemeyer, Alvar Aalto, Mies van der Rohe, Marcel Breuer e Walter Gropius, que enunciou a Bauhaus.

### **Você fez Arquitetura?**

Sou arquiteto. Fiz a Faculdade de Arquitetura de São José dos Campos, que só durou a minha turma (risos). Ela foi aberta, entrei e, quando sai, em 1974, foi fechada pela ditadura militar. Mas, antes de conhecer o desenho moderno, desde o ginásio, eu era cartunista sem nenhuma pretensão artística, apenas gostava de desenhar e debochar.

### **Durante a ditadura você fez cartuns políticos?**

Na escola tínhamos publicações contra a ditadura. Cheguei a mandar desenhos para o Pasquim, a grande revista da época.

**O 'Pasquim' publicou quantos trabalhos seus?** Apenas um, mas deu o sabor de ter o desenho publicado.

**Foi o seu primeiro desenho publicado?**

Não, em São José dos Campos havia um jornal, O Vale Paraibano, e eu e alguns amigos fizemos umas tiras para ele - pouca coisa. Fazíamos muitos impressos na escola era a época do mimeógrafo, então eu já tinha visto a reprodução do desenho e tinha me encantado.

**Quais eram suas influências nessa época?**

A minha base era o desenho de humor, principalmente do Pasquim, com mais foco no Ziraldo e no Jaguar - dois desenhos bem diferentes um do outro. Fiquei fascinado com o traço do Saul Steinberg, J.Carlos, Carlos Estevão, o Péricles da tira O Amigo da Onça, que são maravilhosos, além do Quino da Mafalda e o Sempée, que tem hoje cartuns reproduzidos na Caras. Literalmente, eu ia copiando e fui definindo meu desenho através desses mestres e isso me ajudou a entender a linha, o desenho, o poder dos jogos gráficos e dos espaços, a relação espaço/linha.

"Estou sempre anotando, criando, comprando material, analisando relações, buscando soluções. E uma maneira bem rica de viver"

**Você sofreu influência da HQ?**

Admiro os quadrinhos, mas eu não era quadrinista. Eu gostava da possibilidade de desenvolver uma idéia em uma página. Então, acabei juntando o desenho de humor com a elegância que eu busco, num mélange de duas fontes: o desenho de humor mais o desenho moderno.

**E como a Arquitetura influi no seu trabalho?**

Embora eu não faça edificação, quase tudo que faço sai da prancheta com régua paralela e raciocínio da projeção. Como artista plástico, tive muito contato com instalações, que são uma forma de ocupação de espaço arquitetônico. Mas aprendi a ver a Arquitetura - o espaço, os acessos, a luz, as trajetórias, a ocupação mais como artista plástico do que como arquiteto.

**Quando você começou a mexer com objetos elétricos e eletrônicos?**

Desde criança gosto de observar como as coisas funcionam. Como muitos da minha geração, eu brincava um pouco e logo abria para tentar entender de forma intuitiva ou experimental - o funcionamento dos brinquedos. No ginásio vocacional fiz um curso de eletricidade e eletrônica e aprendi sobre a válvula, o motor. Depois, fiz um curso técnico, profissionalizante, de eletrônica industrial na mesma escola onde fiz o ginásio. Ai montei e desmontei toca-disco, telégrafo, transmissor. Até hoje tenho coisas que fiz naquela época e funcionam ainda. Era tudo a válvula, uma tecnologia mais poética do que a de hoje em dia. O semicondutor é mais frio; a válvula tinha aquele gás, tinha que aquecer, os aparelhos tinham mais volume - era muito bonito. Depois abandonei a eletrônica porque era muito difícil e eu tinha essa veia para o desenho, que talvez fosse mais fácil para mim e fui para Arquitetura.

"Desde criança gosto de observar como as coisas funcionam. Brincava um pouco e abria para entender o funcionamento do brinquedo"

**Mas quando ocorreu o mélange, como você mencionou, do desenho arquitetônico, com sua paixão pela resolução do cartum e sua noção de eletro-eletrônica?**

Elas foram se juntando. Quando me formei em Arquitetura, não consegui trabalhar como arquiteto. Então, fui derivando para o desenho gráfico, onde havia mais oportunidade para mim. Inclusive, o primeiro desenho que publiquei em São Paulo foi para o Jornal da Tarde, por intermédio do Mauricio Kubrusly.

### **E quando surgiram as artes plásticas nessa trajetória?**

Em 1978, participei de um concurso no MIS, organizado pela Sabine Libman da Galeria Arte Aplicada, que se chamava Objeto Inusitado, e ganhei um prêmio. Durante a faculdade eu fazia alguns objetos que não sabia o que eram. Eu desconhecia o potencial cultural daquelas brincadeiras e a tradição que aquilo tinha nas Artes Plásticas com o Dadaísmo. Peguei 14 trabalhos que eu já tinha - luminárias engraçadas, carrinho montado de forma inusitada, experiências com eletricidade e outros que eram meramente curiosos - e foi uma surpresa ver, por meio do concurso, que um crítico iria analisar aquilo, que poderia ser exposto, sair em revista e eventualmente ser vendido. Aquilo foi a minha porta de entrada. Parecia que tinha sido feito para mim: eu já estava com o trabalho pronto, apenas fotografei, mandei e acabei ganhando um dos prêmios. O crítico Olívio Tavares de Araújo foi muito generoso comigo, escreveu uma matéria na revista Veja falando que eu era uma surpresa... Aquilo me abriu uma perspectiva maravilhosa que até então eu desconhecia. E para minha família foi um conforto ver que...

### **Você não era só um 'professor Pardal' ...**

(Risos) Foi uma satisfação inclusive para mim mesmo saber que essas coisas que eu fazia de forma acidental tinham um valor cultural!

### **E como você entrou no meio artístico?**

Conheci o Dudi Maia Rosa, Boi, o Carlos Fajardo e o Luiz Paulo Baravelli. Conhecer o raciocínio de cada um deles foi uma escola para mim, porque eu não tinha formação de artista plástico e precisei entender convivendo com eles. A aparição das Artes Plásticas na minha vida como opção profissional e filosófica foi uma maravilha, pois tudo que eu penso posso vir a realizar. Estou sempre fazendo trabalhos diferentes, que me surpreendem.

**Quando é que você se deu conta de que era um nome no cenário das artes brasileiras?** Em 1978, as artes não tinham toda a mídia que têm hoje e aquela exposição teve muita repercussão para a época. Das duas uma: ou eu naufragava ali mesmo ou tinha uma carreira promissora pela frente. A partir dessa exposição, comecei a receber convites, participei de uma exposição no Masp chamada Escultura Lúdica. Em 1982, fiz a minha primeira individual na Galeria São Paulo. Nesse mesmo ano, por meio do Ivald Granato e do Aguilar, comecei a fazer performances e a me encantar com todas as modalidades das Artes Plásticas. No ano seguinte, fiz a Eletro-Performance no Radar Tantã, que era uma casa noturna. Foi bárbaro. Em 1984, a Sheila Leirner viu uma dessas apresentações na Funarte e me convidou para participar da 18ª Bienal no ano seguinte, levando dois trabalhos de performance e uma sala.

### **E como foi a experiência na 18ª Bienal?**

No começo deu um branco. Tive uma vivência de espaço que foi muito interessante. Ganhei uma sala de 10m x 10m x 6m, e eu tinha que ocupar tudo aquilo. Fiz 12 objetos e ficou uma sala boa, com boa visitação. Essa vivência me ajudou muito no ano seguinte, quando Carlos Moreno me convidou para participar da exposição Trama do Gosto, produzida pela Bienal, que era uma exposição temática como a Mostra do Redescobrimento, que iria mostrar a cidade de forma lúdica. Para cada artista, a curadoria encomendava um logradouro. Aos concretos, foi pedida uma loja de material de construção. Para mim, encomendaram a loja de eletrodomésticos, porque eu já tinha uma tradição nessa área de objetos elétricos. E me deram uma sala quase três vezes maior que a da Bienal. Como eu já estava trabalhando com aspirador de pó em performance, tive o insight de fazer uma sala - que foi marcante - com 26 aspiradores de pó sustentando esferas de isopor. Foi um espaço grande com um trabalho muito forte, e foi muito visitado. Chamava-se Eletro-Esfero-Espaço e, a partir daí, virei gente grande em arte. Era como se de filme Super 8 eu passasse a fazer longametragem.

"A aparição das Artes Plásticas na minha vida foi uma maravilha, pois tudo que eu penso posso vir a realizar"

### **Esse trabalho realmente foi marcante e você acabou por expô-lo fora, não?**

No ano seguinte, o trabalho foi escolhido pela curadora Aracy do Amaral para participar da exposição Modernidade no Museu de Arte Moderna de Paris, que abrangia desde Tarsila do Amaral aos contemporâneos.

### **E como foi expor em Paris?**

O trabalho era lindo, mas exigia manutenção constante e acabei ficando dois meses lá. Como eu tinha um amigo que morava em Paris, fiquei o tempo da exposição porque eu tinha que ir diariamente ao museu fazer a manutenção da sala: ligar, desligar, colocar esferas, trocar pilhas e fitas dos walkmen. Mas foi muito legal. Foi a primeira vez que viajei para o exterior e fiquei honrado em viajar nessa condição, a convite, levando meu trabalho de artes plásticas representando o Brasil.

### **Como crítica e público acolheram seu trabalho?**

Era uma praça que eu desconhecía. Foi um sucesso de público, mas do ponto de vista de crítica não teve uma linha na imprensa. Sai de Paris frustrado - nessa época eu era mais orgulhoso -, porque achava que daquele trabalho eu iria receber convites para expor. Não recebi nenhum (risos). Hoje, acho graça porque sei que a política que comanda convites em Artes é outra.

### **E como é?**

Eu estava participando de uma exposição que tinha Franz Krajberg e Tarsila do Amaral. Era uma exposição que tinha falhas, mas constava a maioria dos grandes nomes da nossa arte moderna. Percebi que a imprensa dava mais importância aos nomes estabelecidos do que aos contemporâneos. Fui entendendo a mecânica e vi que eu não ia chegar lá e abafar: há uma hierarquia e um tráfego de influência. Depois, o trabalho foi montado no MAM e fiz um curta sobre ele. Mas posso montá-lo em outra oportunidade, continua potencialmente vivo.

### **Nessa questão da política nas Artes Plásticas, que eu saiba, você nunca trabalhou com marchand**

É, todo mundo quer ter um bom marchand que arrume trabalho para o artista. Mas é difícil. Em geral, termina a exposição, finda a relação com o marchand.

### **Depois da 'Modernidade', você participou de outras exposições no exterior?**

Fui a Nova York achando que ia novamente arrasar (risos). Essa exposição - Brazil Projects -, na galeria PSI em Nova York, foi bem mais interessante porque cada artista tinha sua sala e aí sim consegui umas linhas no New York Times (risos). Pelo menos sai de lá com uma vivência e um registro. Mas lá fora não é fácil. Para fazer carreira no exterior tem de estar lá: a nossa distância é muito grande. Levar é caro, há uma série de barreiras alfandegárias. Achei divertido, mas cheguei à conclusão que dominar o mundo não é para mim (risos). Fico contente com minhas oportunidades aqui mesmo.

### **Você vive de seus projetos gráficos?**

Basicamente vivo de desenho gráfico: capa de livro, ilustração, logotipo, cartaz e criação de marca. Faço todo o trabalho desde o contato com o cliente, o desenho, a construção no computador, são horas de lapidação da imagem. Quando a pessoa vê o resultado final não tem idéia de quanto rabisquei para chegar àquilo.

"Para fazer carreira no exterior tem de estar lá: a distância é muito grande. Cheguei à conclusão que dominar o mundo não é para mim"

### **E as artes plásticas?**

De uns anos para cá, as artes plásticas têm começado a contribuir. Eu sempre disse: "Ganho dinheiro em design gráfico e gasto nas artes plásticas". Até fazer a exposição, você mesmo tem que comprar o material, tem que pagar a galeria. 30% a 50%. Às vezes, você tem que entrar com o material impresso, assessoria de imprensa; dependendo do acordo com a galeria, o

gasto sobe muito. Ainda existe a expectativa de que vá vender alguma coisa - e pode ser que não venda nada. Mas, se for contabilizar tudo, você não faz. Aí tem de fazer um acerto com a galeria, dar um trabalho em troca... Mas, de uns anos para cá, tenho recebido encomendas de artes plásticas muito interessantes, desde pinturas, desenhos e edições de gravuras a projetos de instalação. Também dou cursos de Artes Plásticas e vou compondo dessa maneira para fazer novos investimentos em artes plásticas, que são o meu maior prazer.

**Cynthla Garcla, especial para o JT**